

1ª PARTE

Estudios

“OS SERTÕES,” NUM RESUMO PARA O LEITOR OCUPADO

Carlos d'Alge

“A partir de *Os Sertões*, a consciência crítica brasileira reforçou seu sentimento de culpa para com o outro Brasil, o Brasil da pobreza rural, do analfabetismo, da doença. Teve, pelo menos, que reconhecê-lo. (...) Isso só bastaria para explicar a permanência desse grande livro.”

Fernando Henrique Cardoso

O livro de Euclides da Cunha, publicado, pela primeira vez, em novembro de 1902, teve sucessivas reedições. O autor pôde ainda rever a 2ª e a 3ª, corrigindo-as, e considerando definitiva esta última, na qual chegou a fazer 1.500 emendas. Esta terceira edição tem servido de base às subseqüentes. A Livraria Francisco Alves publicou durante muitos anos edições de *Os Sertões*. Em 1966 a Editora Aguilar lançou no mercado a obra completa do autor, valendo-se da 5ª edição da Francisco Alves, que reproduziu a terceira, para o caso de *Os Sertões*, e das edições portuguesas de *Contrastes e Confrontos* e *À Margem da História* que, como se sabe, foram publicadas pelos editores Lello & Irmão, da cidade do Porto.

Os Sertões, considerados por Joaquim Nabuco como “A Bíblia da nossa nacionalidade”, apresentam nas diferentes edições, conforme o corpo tipográfico utilizado, de 400 a 650 páginas.

A obra, de acordo com a 5ª edição, compreende oito partes: I — A Terra, II — O Homem, III — A Luta — Preliminares, IV — Travessia do Cambaio, V — Expedição Moreira Cesar, VI — Quarta Expedição, VII — Nova Fase da Luta e VIII — Últimos Dias. Comumente, *Os Sertões* são divididos em três partes: A Terra, O Homem e A Luta, abrangendo a primeira parte a fisiografia e a geografia do Nordeste brasileiro, a segunda parte a antropologia, o folclore, a história do Conselheiro e o surgimento de Canudos, e a terceira parte a campanha militar contra a “Jerusalém de Taipa”.

A guerra de Canudos durou exatamente um ano, havendo começado em outubro de 1896 e terminado, com a destruição e incêndio do arraial, em outubro de 1897. Era Presidente da República o Dr. Prudente de Moraes, e Governador do Estado da Bahia o Dr. Luiz Viana.

Foram comandantes da campanha militar contra Canudos os seguintes oficiais: da 1ª expedição, o Tenente Manuel da Silva Pires Ferreira; da 2ª expedição, o Major Febrônio de Brito; da 3ª expedição, o Coronel Antônio Moreira Cesar, morto em consequência de ferimento em combate; da 4ª expedição, o General Artur Oscar de Andrade Guimarães. Como se vê, a hierarquia militar ascendente, nas diferentes expedições, demonstra a importância a que chegou o conflito. Chefiava o arraial de Canudos Antônio Vicente Mendes Maciel, natural de Quixeramobim, que passou para a história com o nome de Antônio Conselheiro. Foram seus subchefes mais imediatos os jagunços João Abade, Antônio Beato, Pajeú, Joaquim Macambira, José Venâncio, Pedrão, "Major" Sariema e João Grande. O único sobrevivente deste grupo foi Antônio Beato, o Beatinho.

Vamos, agora, percorrer, numa breve leitura, as oito partes de *Os Sertões*:

I — A TERRA: O autor começa descrevendo, geograficamente, o grande maciço central brasileiro para chegar à região do Vaza-Barris, ao norte da Bahia, onde se passou a Campanha de Canudos. Demarca-a e descreve sua flora, sua formação geológica e a influência do clima. Procura interpretar sua formação geográfica. Estuda-lhe a hidrografia e a conformação geológica.

Volta a considerar o clima da região expondo uma teoria sobre as secas. Descreve as caatingas com toda sua flora específica e a influência que elas sofrem dos climas. Então chega ao "agente geológico notável — o homem", que, reagindo brutalmente contra a terra madrastra vem, historicamente, desnudando-a, fazendo desertos.

Considera as maneiras de combater os desertos com açudes. Só assim se evitaria o martírio que ali sofre o homem e que é consequência do "martírio secular da Terra".

Com a descrição do sertão de Canudos, Euclides sumaria toda a fisiografia do Nordeste.

II — O HOMEM: De início, o autor expõe o autoctonismo do *homo americanus*. Depois considera a influência da variabilidade mesológica nos três elementos essenciais da formação étnica, dando a gênese das sub-raças, mestiças, do Brasil. Daí a heterogeneidade racial brasileira e a impossibilidade de futura unidade de raça neste País, devido a particularidades específicas de cada elemento formador tão dispar. Para confirmar sua teoria recorre a exemplos da História nacional.

Mostra o jagunço em sua gênese, espalhando-se do Maranhão à Bahia, passando pela gênese do mulato. Expõe a função histórica do rio São Francisco na dinâmica social dos jagunços, descendentes de paulistas, e no aparecimento dos vaqueiros que se insularam nas regiões do interior. Neste ponto surge Canudos, aglomerado de elementos de uma subcategoria étnica já constituída: os sertanejos do norte. Insulados, ficaram livres de uma adaptação, penosíssima, a um estágio social superior. Euclides analisa o sertanejo e o gaúcho, estabelecendo comparações entre eles. Disserta sobre o jagunço, as vaquejadas e a arribada.

Relata, em seguida, as tradições dos vaqueiros, o estouro da boiada, o folclore, a influência das secas, a religiosidade mestiça. Conclui que as agitações sertanejas são baseadas no fanatismo. Canudos, por exemplo, é uma agitação nordestina, baseada no fanatismo. Monte Santo já era um lugar lendário. Daquela complexidade étnica e sob aquelas influências ecológicas e sociológicas era inevitável o aparecimento de um Antônio Conselheiro. Fizeram-no santo devido ao seu misticismo estranho, porque o ambiente o amparou, respeitando-o.

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, descendia de cearenses de Quixeramobim, de gente que há 50 anos sustentava uma rixa de família. Infeliz no casamento — abandonado pela esposa em Ipu, raptada por um policial — embrenhou-se pelos sertões, surgindo incógnito, missionário sombrio, no nordeste da Bahia. Era produto condensado do obscurantismo de três raças, criando em torno de si lendas que se espalharam por toda aquela imensa região.

A Igreja tentou intervir, inutilmente. Canudos, que era um lugarejo ignorado antes da vinda do Conselheiro, revivesceu com sua chegada. Em 1893, crescendo rapidamente, chegou a possuir 5.200 casas, com 15.000 a 20.000 habitantes.

Todo sertanejo que ali arribasse tornava-se logo um seguidor do Conselheiro. E, como muitos deles eram marginais, saqueavam lugarejos e conquistavam cidades vizinhas. Eram subchefes do Conselheiro; José Venâncio, autor de 18 mortes; Pajeú e seu ajudante-de-ordens, Lalau; Chiquinho e João da Mota, o cafuz Pedrão, Estêvão, disforme, tatuado à face e à bala; Joaquim Trancapês; “Major” Sariema; o tragicômico Raimundo Boca-Torta, de Itapicuru; o ágil Chico Ema; Norbério; o velho Macambira e seu filho Joaquim; Vila Nova; o mulato Antônio Beato, meio sacristão e meio soldado; e o líder de todos, João Abade.

Pregavam contra a República, sem convicção, mais “como variante forçada ao delírio religioso” diz Euclides. Não aceitavam o casamento civil e nem o pagamento de impostos.

Um capuchinho lá estivera para convertê-los. Nada conseguira. Voltando, amaldiçoou Canudos.

III — A LUTA — Preliminares: Uma desavença antiga com o Juiz de Direito de Juazeiro e a não-entrega da madeira adquirida nessa cidade para o remate da igreja nova de Canudos, em outubro de 1896, determinaram uma ameaça de assalto àquela cidade por parte do Conselheiro.

Ameaçado, o Juiz de Direito pediu auxílio ao Governador Luiz Viana do Estado da Bahia. Foi então, enviada uma força de cem praças, da guarnição estadual, para bater os jagunços de Canudos. Essa 1ª expedição de Canudos foi comandada pelo Tenente Manuel da Silva Pires Ferreira que, após longa caminhada, acampou, exausta, em Uauá.

Atacada de surpresa pelos soldados de Antônio Conselheiro, a força policial abandonou a luta. “O revés de Uauá requeria reação segura” — explica Euclides.

A 2ª Expedição, comandada pelo Major Febrônio de Brito, da força estadual, veio melhor aparelhada, formada de 543 praças e 3 médicos. Seria a “1ª Expedição regular” contra Canudos. Os rebeldes eram comandados por João Grande, João Abade, Pajeú, Macambira (pai e filho), José Venâncio e outros jagunços.

IV — TRAVESSIA DO CAMBAIO: A 2ª Expedição fez base em Monte Santo e muito sofreu no ataque planejado, na Travessia do Cambaio, não conseguindo chegar até o arraial de Canudos. Retirou-se em condições penosíssimas, num recuo que foi considerado pelos jagunços como um milagre do Conselheiro.

V — EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR: A 3ª Expedição, comandada pelo Coronel Antônio Moreira César, mais numerosa e melhor equipada que as duas primeiras, acampou, também, em Monte Santo. Eram 1.300 combatentes, fartamente municiados, com 15 milhões de cartuchos e 70 tiros de artilharia. Não passava pela idéia de ninguém um revés. O primeiro encontro foi no ribeirão de Pitombas. João Abade, estava no comando da defesa dos jagunços.

Seguiram e fizeram base no alto da Favela, defronte de Canudos e daí avançaram sem assegurar a retaguarda ou garantir os pontos perigosos da travessia. Na investida contra a Tróia de taipa dos sertanejos tiveram de recuar. Nessa retirada perderam o comandante Moreira César e, pouco mais tarde, seu substituto, o Coronel Tamarindo, que os jagunços ergueram, empalado, no galho seco de um angico.

VI — QUARTA EXPEDIÇÃO: Alarmada com os resultados da luta, e acreditando tratar-se de uma insurreição monarquista, financiada pelo capital estrangeiro, a Nação toda enviou batalhões para combater os rebeldes. Do Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe, seguiram soldados regulares para enfrentar o inimigo odioso. Eram 5.000 homens em 6 Brigadas. A 1ª, 2ª e 3ª Brigadas eram comandadas pelo General João da Silva Barbosa, e a 4ª, 5ª e 6ª comandadas pelo General Cláudio do Amaral Savaget. O General Artur Oscar era o comandante-em-chefe.

As duas colunas partiram de pontos diversos e deviam encontrar-se em Canudos. Possuíam abundância de material de guerra. A 1ª expedição foi na frente e tomou o caminho das expedições anteriores. Repetiu-lhes os erros. Acampada defronte de Canudos, sitiou o arraial e, em conjunto com a Brigada do General Savaget, investiu-o sem êxito.

A coluna do General Savaget partira de Aracaju. Possuía 2.350 homens. De Jeremoabo a Canudos fazia marcha segura. A margem do Vaza-Barris deu-se o primeiro combate, o Combate de Cocorobó, que terminou com o ataque dos lanceiros em terrível carga de baionetas e fuga dos jagunços. No dia seguinte, a peleja prossegue em combate renhíssimo, no qual veio a morrer o Tenente-Coronel Sucupira.

Unidas as duas colunas, a guerrilha continuou, crônica, em refregas furiosas e rápidas, longas reticências de calma, pontilhadas de bala.

Os jagunços atacaram o canhão chamado a "Matadeira": 11 fanáticos invadiram o centro do acampamento militar para destruir o perigoso "Withworth 32", que eles apelidaram "a Matadeira". Comandava-os o valente Macambira. 10 foram mortos a baioneta, tendo 1 escapado miraculosamente, varando as fileiras agitadas. Enquanto isso as tropas aguardavam pela brigada do General Girard.

As duas colunas, reunidas defronte de Canudos, resolveram atacar; delinheu-se o ataque. Eram 3.349 homens, divididos em 5 brigadas. Seguiram alta madrugada. Tomaram posição de combate perigosíssima e impraticável.

Quando a luta começou, levaram desvantagem; caíram em desordem. Despencavam pelos montes abaixo. E os jagunços, invisíveis das tocaias e dos esconderijos, fulminam as brigadas. Sitiado o arraial, a investida resultou num fracasso. Desorganizados os batalhões, cada um lutava para salvar sua vida.

Nessas condições "eram por igual impossíveis — o avanço e o recuo", observa Euclides. Tiveram quase 1.000 baixas, entre mortos e feridos.

O General Artur Oscar avaliou o estado das coisas e pediu um corpo auxiliar de 5.000 homens. Seguiu, então, a Brigada Girard, dirigida pelo General Girard. Eram 1.042 praças, 68 oficiais e dispunham de 850.000 cartuchos Mauser.

Essa brigada não conseguiu repelir o inimigo, e a retaguarda foi seriamente alvejada. Quando as primeiras levas de feridos e mortos chegaram à cidade do Salvador, a Nação surpreendida, abalou-se! Não era possível!

VII — NOVA FASE DA LUTA: Então deslocou-se ao campo da luta o próprio Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt. Os novos reforços montavam a 3.000 homens, divididos em duas brigadas, comandadas pelo Coronel Sampaio e pelo General Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, respectivamente. Conhecedor frio da arte de combater e descobrindo o motivo das derrotas anteriores, conseguiu o Marechal Bittencourt a vitória da 4ª Expedição e o aniquilamento de Canudos. Utilizou, para tanto, a técnica militar, transmudando aquele enorme conflito, pródigo em inúteis bravuras, numa campanha regular.

Alguns chefes jagunços já haviam desaparecido: Pajeú, João Abade, Macambira, Venâncio. Restavam Pedrão, Norbério e outros. A 22 de agosto de 1897 falecia Antonio Conselheiro vítima da "caminheira", isto é, de uma prosaica disenteria.

Fazendo parte do reforço, incorporara-se um batalhão policial do Estado de São Paulo, ao qual se juntou, como observador e jornalista, o Engenheiro Euclides da Cunha, que testemunhou os últimos lances do desastroso episódio.

VIII — ÚLTIMOS DIAS: Ocorre fato imprevisto, o inimigo, destruído, reage inesperada e vigorosamente. Mas logo depois decai a reação, atingindo o desenlace.

Os soldados da República impunham às vítimas cenas cruéis. Escreve Euclides: "Agarravam-nas pelos cabelos, dobrando-lhes a cabeça, esgargalhando-lhes o pescoço e, francamente exposta a garganta, degolava-nas", ou, "enlevam o pescoço da vítima com uma tira de couro e estrangulavam-na". Rivalizavam, assim, com os jagunços em barbaridades.

A 28 de setembro Canudos não respondeu às salvas de vinte tiros da frente de combate. Era o fim. Foi dinamitada com 90 bombas nesse dia, terminando em incêndio. Entregou-se o Antônio Beatinho e entregaram-se as mulheres, uns poucos velhos doentes e as crianças. Fez-se pequena trégua, depois da qual recomeçou o tiroteio, sendo mortos os quatro últimos rebeldes: um velho, dois homens maduros e um rapazinho.

“Canudos não se rendeu. (...) resistiu até ao esgotamento completo”, conclui Euclides sobre o lamentável episódio.

Desta 8ª e última parte, vale a pena transcrever, pela força do entretexto, o diálogo, testemunhado por Euclides, entre Antônio Beatinho e o General Antônio Oscar de Andrade Guimarães:

— Saiba o *seu doutor general* que sou Antônio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não agüenta mais. (...)

— Bem, e o Conselheiro?

— O nosso bom Conselheiro está no céu...”